SEGUIU UMA COPIA POR VIA AEREA.

CLASSIFICADO
19 JUN 51
SAIDO

CONSULADO GERAL DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL.

DE

Nº 56/801.24 (669) 96

Informação Econômica.
Abril de 1951.

MINISTERIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES
PROTOCOLO DE ENTRADA
18 JUN 1951
Nº 10982

A Secretaria de Estado das Relações Exteriores o Consulado Geral do Brasil em Nova York cumprimenta e tem a honra de remeter-lhe os inclusos Boletins números 7, 8, e 9, de 6, 14 e 26 de abril próximo passado, que constituem a Informação Econômica número 4 desta Repartição.

3/3

Nova York, em 4 de maio de 1951.

ME

BOLETIM DO SERVIÇO DE INFORMAÇÕES

DO CONSULADO GERAL DO BRASIL

EM NOVA YORK

Nº 7 - Nova York, sexta-feira, 6 de abril de 1951.

AS PRIMEIRAS SESSÕES DA CONFERÊNCIA DE WASHINGTON.

Discursando em sessão plenária da Conferência dos Chanceleres das Américas, o Senhor Dean Acheson, Secretário de Estado do Govêrno americano, fêz um apêlo às delegações presentes para que seus países ingressassem, em definitivo, na "associação do mundo livre", destinada a combater as manifestações totalitárias do comunismo soviético, cujas atividades constituem, indiscutìvelmente, uma grande ameaça para a tranquilidade dêste Hemisfério.

Acentuou o Chanceler americano que, muito embora os países dêste Continente não tenham o mesmo "modus vivendi", se encontram êles intimamente ligados às outras nações do mundo por um elo vital, que se chama liberdade. Procurou, assim, o Senhor Acheson renovar e reforçar as palavras do Presidente Truman, quando em seu discurso na sessão inaugural da Conferência referiu-se à necessidade de as nações americanas se congregarem para a maior segurança e tranquilidade em todo mundo.

Segundo o Secretário de Estado Acheson, a união entre os Estados Unidos e as outras Repúblicas americanas não é pròpriamente uma aliança, e muito menos uma situação de esfera de influência. Trata-se de uma verdadeira "confederação espiritual", cujos alicerces repousam na aspiração comum de viverem livremente entre si.

Observou também o Senhor Acheson que no Hemisfério ainda não haviam sido atingidos os verdadeiros objetivos de uma sociedade livre, e isso por causa da ameaça comunista e pelo fato dessa mesma ameaça ter abalado a estrutura das instituições democráticas de diversos países.

Afirmou, outrossim, o Chanceler dêste país que os Estados Unidos não estão esquecidos de que seu programa de mobilização econômica e militar está afetando a vida de cada um de seus vizinhos, daí, terem sido escolhidos para a agenda da Conferência os tópicos que mais de perto dissessem respeito a tal situação.

Quanto ao problema da defesa individual e coletiva contra um ataque armado, lembrou o Secretário de Estado norte-americano a possibilidade de serem conferidos novos e amplos poderes à Junta Interamericana de Defesa, a fim de que possam ser satisfeitas as necessidades básicas e imediatas do Hemisfério, no que concerne ao seu aparelhamento militar.

Referindo-se à subversão e aos outros meios da infiltração comunista, declarou o Senhor Dean Acheson: "É igualmente importante que nos consultemos mutuamente sôbre as medidas de caráter prático a serem tomadas para nossa maior proteção, assim como para o fortalecimento das nossas instituições democráticas. Tais instituições representam em si a parte primordial do que estamos tentando defender contra o comunismo e, para salvaguardá-las contra todo

e qualquer abuso, devemos nos manter em constante vigilância."

Finalmente, ao abordar os atuais problemas econômicos do Continente, declarou o Senhor Acheson que, por certo, as economias das diversas nações americanas sentirão os efeitos da política de sacrifícios que, por fôrça das circunstâncias, os Estados Unidos serão obrigados a seguir. Concordou, a propósito, com as observações do Ministro do Exterior do Brasil, Dr. João Neves da Fontoura, a respeito dos perigos de uma nova onda inflacionista, e ainda acrescentou que, nos dias de hoje, não podemos relegar a plano secundário os programas para o aumento da produção de alimentos, para o combate ao surto de enfermidades endêmicas ou epidêmicas e para o incremento da produção de materiais escassos.

Ainda na primeira sessão da Conferência, os Estados Unidos, ao lado da Bolívia, Equador e Uruguai, submeteram à consideração do Plenário um projeto sôbre a segurança interna do Continente. Segundo os autores de tal projeto, as partes acordantes deverão defender a liberdade de cada país contra as atividades dos agentes subversivos e, ao mesmo tempo, impedir que surjam regimes violadores dos mais legítimos direitos do Homem.

A delegação americana submeteu ainda a Plenário uma série de projetos sôbre assuntos econômicos. À primeira vista, êsses projetos parecem contrariar as pretensões dos paises latino-americanos de que haja um equilíbrio dos preços no comércio entre êste país e as demais nações do Continente.

Relativamente ao assunto, a delegação mexicana chegou a propor que o Conselho Econômico e Social Interamericano convocasse uma reunião dos representantes dos Bancos ou Tesouros de cada país, a fim de destarte serem, definitivamente, traçadas diretrizes para o equilíbrio geral dos preços no campo internacional.

De um modo geral, o ponto de vista latino-americano, no que diz respeito aos problemas econômicos, vem divergindo bastante do que é esposado pela delegação dos Estados Unidos. Assim, o Govêrno americano acha que se deve encarar o problema econômico em face da atual crise mundial, enquanto que os paises latino-americanos alegam que o após-guerra não lhes foi favorável, e por isso desejam obter, nos dias de hoje, resultados melhores, para o que propõem um programa de ação que se estenda para muito além da conjuntura atual.

Segundo alguns comentaristas, o Presidente Truman se mostrou bastante favorável a essa pretensão latino-americana, principalmente quando em seu discurso se manifestou, com entusiasmo, sôbre as enormes possibilidades econômicas do Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai.

Outros acham que o Presidente Truman quiz referir-se tão sòmente ao desenvolvimento dos paises vizinhos pela inversão de capitais americanos, o que beneficiaria mais o investidor do que, pròpriamente, as populações das áreas favorecidas.

Quanto aos primeiros trabalhos da Conferência, podemos destacar as seguintes resoluções, aprovadas em 2 de abril último:

1) A chamada "Declaração de Washington". Baseada num projeto original do Brasil e do Chile, esta declaração visa a união das vinte e uma Repúblicas americanas contra a ameaça da agressão comunista, reafirmando o propósito das Américas de resistirem, espiritual e materialmente; e ratifica a adesão das mesmas ao trabalho empreendido pela ONU.

2) Resolução para a intensificação da prática da democracia em todo Hemisfério, tendo em vista o que dispõem os tratados já assinados sôbre a matéria. Esta resolução nasceu de uma proposta da delegação cubana, proposta essa que sofreu uma emenda da delegação do México, segundo a qual o princípio da não-intervenção jamais deveria ser relegado a plano secundário, não importando para tal a natureza das medidas que possam ser tomadas para a defesa e segurança da democracia no Continente;

3) Resolução sôbre a melhoria dos níveis social, econômico e cultural dos povos das Américas. Tal resolução partiu de uma proposta da delegação do México, tendo as delegações, em conjunto, solicitado do Conselho Econômico e Social Interamericano e do Conselho Cultural Interamericano que preparassem, urgentemente, planos a fim de serem concretizadas tais idéias;

4) Resolução boliviana para que as delegações presentes prestassem tributo à memória do Presidente Franklin Delano Roosevelt. Aprovada esta resolução, foram designados os representantes do Brasil, Bolivia, Costa Rica, Cuba e Equador para, em conjunto, depositarem flores no túmulo do Presidente Roosevelt.

Comentando os trabalhos da Conferência, o "New York Times" desta cidade afirmou que, de um modo geral, os debates econômicos evidenciaram o pensamento de certas delegações latino-americanas, como, por exemplo, a do Brasil, de que os Estados Unidos estão encarando o assunto em face de uma agressão militar e política direta, enquanto que os demais paises dêste Continente enfrentam tão sòmente problemas econômicos, os quais, quando muito, poderão causar subversões internas, provenientes de um descontentamento nas camadas populares.

O PRESIDENTE TRUMAN E A NOVA EXTENSÃO DOS PLANOS DA ECA.

Ao que noticiam os jornais desta cidade, o Presidente Truman deverá solicitar autorização do Congresso para que sejam intensificados os trabalhos da Cooperação Econômica Americana e sejam instituidos novos programas de ajuda aos paises mais necessitados.

O Presidente Truman revelou seus planos à imprensa, ao elogiar oficialmente a Agência encarregada da execução do Plano Marshall, pelos seus trabalhos, nos últimos três anos, na Europa Ocidental.

No dizer do primeiro mandatário dêste país, os onze bilhões de dólares, dispendidos pelos Estados Unidos com o Plano Marshall, criaram uma nova mentalidade, um "novo espírito de confiança" nos paises que compõem a Europa Ocidental; mas ainda "há muito o que se fazer na Europa, na Asia e em outras partes do mundo, para que as nações livres possam construir suas defesas militares, econômicas e espirituais, contra a agressão proveniente do exterior e contra a subversão interna".

Segundo fontes bem autorizadas, os planos do Executivo americano, para a extensão dos programas de trabalho da ECA, se resumem no seguinte:

1) desenvolvimento de um programa, continuado, mas em pequena escala, para o auxílio à Europa Ocidental em seus planos de rearmamento;

2) financiamento da maquinaria e matérias primas necessárias ao incremento da produção bélica na Europa;

3) extensão do programa de ajuda do Ponto IV às áreas subdesenvolvidas;

4) programa de ajuda às nações anti-comunistas do Extremo Oriente, inclusive a China Nacionalista e, possivelmente, as Filipinas;

5) intensificação dos programas do Instituto Interamericano, relativos às obras de educação, saúde pública e saneamento na América Latina.

A ATUAL ECONOMIA BRASILEIRA VISTA PELO NATIONAL CITY BANK.

Em seu boletim de março passado, o National City Bank de Nova York declara que a situação geral da economia brasileira continúa satisfatória, sendo intensa a procura por produtos norte-americanos, o que, evidentemente, tem transtornado o mercado das divisas.

Segundo o referido boletim, na maioria dos casos, os exportadores têm obtido bons preços e a coleta local de divisas se vem mantendo em boa posição, exceto na Bahia. De um modo geral, as cambiais (em dólar) têm sido suficientes para a liquidação, pronta e corrente, das dívidas de importação contraídas com os Estados Unidos.

Na balança comercial americano-brasileira, o saldo favorável ao Brasil continuou a melhorar, havendo atingido, em outubro do ano passado, à cifra de CR$4.267.000,00, contra um deficit de ..... CR$1.602.000,00, havido no período correspondente do ano anterior. O ouro depositado em favor do Tesouro Brasileiro continuou no mesmo nível, enquanto que as reservas bancárias mantidas no exterior subiram de uma parcela aproximada de US$8.000.000,00, para alcançarem a cifra de US$261.000.000, em fins de janeiro do corrente ano.

Os preços do café, acentua o Boletim de Março do National City Bank, continuam firmes. As exportações pelo pôrto de Santos, de 1 a 16 de fevereiro dêste ano, chegaram a 433.993 sacas, sendo que, de 1 de julho de 1950 a 16 de fevereiro de 1951, alcançaram ..... 5.872.609 sacas. Todos êsses níveis se equiparam, mais ou menos, aos atingidos nos períodos correspondentes da safra anterior.

Quanto ao mercado algodoeiro, em São Paulo os preços permaceram firmes, havendo esperanças de que haja um aumento no volume da próxima safra. Em Salvador, não houve quase atividade no mercado do cacáu, enquanto que em Pôrto Alegre e São Paulo continuaram firmes os mercados do arroz.

§§§

BOLETIM DO SERVIÇO DE INFORMAÇÕES
DO CONSULADO GERAL DO BRASIL
EM NOVA YORK

Nº 8 - Nova York, Sábado, 14 de abril de 1951.

AS ULTIMAS SESSÕES DA CONFERÊNCIA DE WASHINGTON.

Encerraram-se, em 7 de abril corrente, os trabalhos da Conferência dos Chanceleres Americanos, tendo as delegações participantes assinado um Pacto de Segurança, através do qual vinte e um países dêste Hemisfério assumiram, oficialmente, o compromisso de defenderem a unidade do Continente contra as ameaças do comunismo internacional, reafirmando, ao mesmo tempo, sua irrestrita solidariedade às fôrças das Nações Unidas que ora combatem na Coréia.

A sessão final da Conferência realizou-se depois de uma Reunião do Conselho da Organização dos Estados Americanos, durante a qual o seu Presidente, Embaixador Hildebrando Accioly, representante do Brasil, teve oportunidade de pronunciar brilhante discurso.

Despedindo-se dos chefes das delegações presentes, o Senhor Dean Acheson, Secretário de Estado dêste país, teve ensejo de declarar: "cada um dos Ministros de Estado aquí presentes deve ter chegado à conclusão - como já haviam chegado seus antecessores e, por certo, hão de chegar seus sucessores - de que a parte fundamental dos interesses de cada um dos nossos países reside na devoção e lealdade ao sistema, às idéias e à organização das Américas".

"Como Ministros do Exterior, observou o Senhor Acheson, tornamo-nos inevitàvelmente colegas, trabalhando juntos para a solução de problemas comuns, solução essa necessária a todos nós." E acrescentou ainda o Secretário de Estado americano: "Não houve rivalidades entre nós. Em nenhum ponto, houve vencidos e vencedores. Todos vencemos porque fomos colegas e porque os nossos interesses fundamentais são comuns."

A solenidade da assinatura da ata final realizou-se na sede da União Panamericana, em Washington, tendo a delegação mexicana assinado em primeiro lugar e a dos Estados Unidos da América em último.

Analisando as resoluções aprovadas pelas vinte e uma delegações, o "New York Times" destaca principalmente as seguintes:

1) a que se refere ao compromisso assumido pelos países participantes de aumentarem suas fôrças armadas para a defesa do Continente e, possìvelmente, para o serviço das ações militares que, no futuro, venham a ser empreendidas pela ONU, na hipótese de qualquer agressão, sendo que, nesse particular, a contribuição de cada país variaria de acôrdo com sua própria capacidade;

2) a relativa à obrigação assumida pelos países americanos de "combaterem as atividades subversivas do comunismo internacional" e de "preservarem e fortalecerem as instituições democráticas do Hemisfério."

3) as referentes ao aumento da produção de materiais de defesa destinados à mobilização, e as que se referem à melhoria das condições econômicas da América Latina.

Indiscutivelmente, os problemas econômicos foram os que suscitaram os mais acalorados debates na Conferência. Durante várias sessões, a delegação norte-americana procurou, por exemplo, convencer os representantes dos países latino-americanos de que deviam reduzir suas exigências quanto ao auxílio a ser prestado pelos Estados Unidos, uma vez que a inflação já está ameaçando sèriamente o comércio e a vida dêste país, hoje envolvido num conflito que se desenrola em terras longínquas e em condições inteiramente adversas.

Os delegados latino-americanos - ao que comentam os jornais desta cidade - procuraram, por seu turno, defender o ponto de vista de que seus países esperavam que os Estados Unidos adotassem medidas seguras para a manutenção do mercado, principalmente no que se refere às necessidades de amanhã. Pleitearam ainda que fosse criado um sistema de prioridade para as exportações americanas destinadas a seus países e fossem tomadas outras medidas contra a alta dos preços e para o auxílio necessário ao melhoramento de seus parques industriais.

Ao que afirmam alguns comentaristas, as resoluções econômicas finalmente aprovadas não satisfizeram in-totum as delegações latino-americanas; no entanto, em alguns círculos oficiais, foi manifestada opinião de que, pelo menos, os Estados Unidos reconheceram as grandes necessidades dos países irmãos e que, por certo, tudo farão para a ajuda e fortalecimento de seus vizinhos.

Além disso, os países latino-americanos conseguiram que os Estados Unidos não reduzissem suas exportações de utilidades escassas e, em princípio, procurassem evitar uma revogação súbita dos preços-teto e dos contrôles econômicos em geral, após o término da crise atual.

Os Estados Unidos, por outro lado, conseguiram impor seu ponto de vista no que concerne ao problema dos contrôles de preços. Várias delegações latino-americanas haviam declarado, inicialmente, que lhes cabia o direito de serem consultadas antes de ser estabelecido o preço-teto das mercadorias fornecidas por seus países. Os representantes americanos, não obstante, afirmaram que isso era impossível. Daí acirrados debates sôbre o assunto, tendo sido, por fim, aprovada uma resolução, segundo a qual haverá apenas consulta prévia "quando se tornar viável tal medida", o que, na realidade, nada significa para as pretensões dos países latino-americanos.

O "Journal of Commerce" desta cidade, em seu número de 13 de abril corrente, trouxe à publicidade um interessante artigo em que seu autor declara que as resoluções adotadas na Reunião de Washington, conquanto vagas sob certos aspectos, refletem claramente a crescente inter-dependência econômica entre as diversas nações dêste Hemisfério.

Fazendo uma comparação com o Pacto do Atlântico Norte, o referido autor acentúa que as resoluções assinadas em Washington, sob certo ponto de vista, são perfeitamente comparáveis às disposições daquele pacto, pois, como essas últimas, se referem à união das economias de diversos países para a defesa comum. Em outros pontos, as Resoluções de Washington sobrepassam as do Pacto do Atlântico Norte, porque reconhecem as disparidades que existem entre as posições econômicas dos países signatários e ainda preconizam medidas a serem

adotadas para a solução dos problemas que surgirem depois da atual emergência.

Um outro aspecto interessante da ata final da Conferência é a declaração de que o programa do Ponto Quatro não foi relegado a plano secundário, apesar da situação atual. Assim é que, em seu artigo XII, aquela ata declara: "a evolução econômica dos países sub-desenvolvidos deve ser considerada como um fator de suma importância, para o conceito exato da defesa do Hemisfério".

De um modo geral, pode-se afirmar que a Conferência de Washington lançou novas bases para o incremento da cooperação econômica entre os diversos países do Continente e, ao mesmo tempo, reafirmou o desejo das Repúblicas americanas de se congregarem contra a ameaça do comunismo internacional.

CRISE INFLACIONISTA NO CANADÁ.

Segundo notícias procedentes do Canadá, êsse país - que se julgara imune à inflação - está agora às voltas com uma crise inflacionista muito séria.

O valor do dólar canadense caiu tão ràpidamente nos últimos meses, que se estima, presentemente, o seu poder aquisitivo em 55 cents. Os preços dos produtos alimentícios subiram de 9,5 pontos, durante o mês de fevereiro, e os movimentos para o aumento dos salários, contrôle de preços e redução das margens de lucro já começaram a assumir grandes proporções, pelo que o Govêrno canadense talvez seja obrigado a tomar medidas consideradas desnecessárias ou prematuras, tempos atrás.

Acredita-se que o Canadá seguirá as pegadas dos Estados Unidos e tentará evitar a inflação através do lançamento de impostos, os quais poderão absorver o excesso dos valores monetários em circulação.

Ao que comentam alguns jornais canadenses, o aumento das taxas, evidentemente, apenas beneficiará o Govêrno, o que, por certo, concorrerá para que o povo considere aquelas medidas como confusas e pouco convincentes. Cita-se, por exemplo, o fato de o Govêrno está arrecadando 10% a mais dos cálculos estimativos, feitos há um ano, sôbre a renda fiscal; e ainda esperar um superavit êste ano, apesar das despesas adicionais para fins de defesa, do pagamento de quase US $65,000,000 aos plantadores de trigo e do dispêndio de quase $75,000,000, para manutenção de outras verbas.

Para muitos, parece um paradoxo que o Govêrno possa vir a dispor de tal superavit orçamentário, enquanto o cidadão canadense se acha impossibilitado de economizar, uma vez que está pagando 50% a mais nos gastos, por exemplo, para compra de produtos alimentícios.

Não obstante, porta-vozes do Govêrno canadense têm declarado que os ordenados e salários subiram consideràvelmente e que a tonelagem transportada pelas ferrovias do país tem aumentado bastante, o que, na opinião dêles, significa uma situação de prosperidade para o Canadá.

PLANOS DA ECA PARA A RECUPERAÇÃO ECONOMICA DA EUROPA.

Segundo um relatório apresentado recentemente pela ECA, a crise provocada pelos programas internacionais de defesa vai obrigar

os países da Europa Ocidental a adotarem medidas eficazes e urgentes no sentido de uma perfeita integração econômica, a não ser que queiram sucumbir ante à ameaça do comunismo internacional.

Analisando o progresso até agora realizado para a unificação dos mercados da Europa Ocidental, a referida Administração elogiou os trabalhos da União Européia de Pagamentos e o Plano Schuman.

Observou, no entanto, a citada Agência que medidas ainda mais práticas se tornam necessárias, sendo que, nesse sentido, recomendou a adoção de três princípios, a fim de que as nações da Europa Ocidental possam traçar programas para sua defesa, sem que com isso afetem o padrão de vida de seus povos.

Tais princípios são, de um modo geral, os seguintes:

a) aumento da produção de mercadorias e expansão dos serviços;

b) adaptação de suas indústrias às técnicas modernas da produção em massa e distribuição mercantil em grande escala, visando o aumento da produção;

c) criação de um mercado em "massa", para justificar-se a adoção dos métodos da produção e distribuição mercantil em grande quantidade.

A União Européia de Pagamentos e o Plano Schuman, ao que se afirma, serão fatores de grande importância para a criação do mercado em "massa", mas ainda estão muito aquém da etapa final a ser atingida, nesse particular.

Como se sabe, a União de Pagamentos foi criada para solucionar três problemas que prejudicavam o comércio intra-europeu: a inconversibilidade das moedas, as restrições quantitativas e as normas do comércio bilateral.

Entretanto, segundo a ECA, a União, em seus 6 meses de trabalho, ainda não conseguiu eliminar completamente uma siquer dessas três barreiras, conquanto tenha alcançado bons resultados com os países do Plano Marshall, os quais,-ao realizarem multilateralmente suas restrições monetárias, através da referida União, e ao estenderem créditos limitados a nações devedoras,-conseguiram manter suas moedas nacionais num nível de livre conversibilidade.

Ao que informa a ECA, a Alemanha Ocidental constitui o maior problema para a União de Pagamentos, pois apresenta um deficit de quase US$ 5000,000,000, já tendo sido forçada a apelar para suas reservas de ouro.

§ § § §

BOLETIM DO SERVIÇO DE INFORMAÇÕES
DO CONSULADO GERAL DO BRASIL
EM NOVA YORK

Nº 9 - Nova York, quinta-feira, 26 de abril de 1951.

DISCURSO PRONUNCIADO PELO MINISTRO JOÃO NEVES DA FONTOURA NO JANTAR DA BAR ASSOCIATION DE NEW YORK.

Por ocasião do jantar oferecido pela "Bar Association de New York", em 25 de abril corrente, o Senhor Ministro João Neves da Fontoura teve ensejo de proferir o discurso que a seguir transcrevemos:

Meus confrades da "Bar Association":

Esta minha viagem aos Estados Unidos está me trazendo tôda a sorte de satisfações cívicas e de justas alegrias pessoais. Chegando aquí como Ministro das Relações Exteriores de meu país, para tomar parte na IV Reunião de Consulta prevista pela Organização dos Estados Americanos, tive a honra de cooperar para que aquela Assembléia traduzisse os mais altos objetivos em defesa do nosso Continente e fixasse regras estáveis e claras para a cooperação econômica entre as nossas 21 repúblicas.

Por tôda a parte, uma atmosfera de simpatia pelo Brasil, de confiança na sua amizade, de afeto com os seus homens, iluminou o meu caminho e fortaleceu o meu ânimo, a tal ponto que acredito nunca ter sido mais sólida nem mais profunda a amizade entre as nossas duas nações.

Quando estou para empreender a viagem de volta à minha Pátria, novas manifestações de aprêço me vêm agradàvelmente surpreender. Ontem foram a Pan American Society e a American Brazilian Association; hoje pela manhã, a prova de aprêço do Cardeal Arcebispo de Nova York reacendeu em meu coração aquela luz espiritual que recebi dos meus mestres da Companhia de Jesus.

Agora sois vós, meus confrades da profissão de advogado, que me honrais com êste jantar tão brilhante quanto significativo. A vossa generosa lembrança leva-me a uma evocação conscienciosa, a de que minha posição atual, como homem de govêrno, coincide exatamente com o meu passado de mais de 25 anos de ativa vida forense. Porque, em verdade, tudo quanto fui na carreira pública - no Parlamento, nos comícios de rua, na Administração - tudo devo à formação jurídica do meu espírito, quer pelo amor aos preceitos do direito, dos quais nunca me afastei, quer pela atitude combativa e militante, inseparável da profissão. Nenhuma outra abre ao indivíduo horizontes mais largos. Nenhuma outra prepara melhor o cidadão para os terríveis embates da política.

Perante tão consumados mestres da advocacia não seria eu quem ousasse elogiar a carreira que todos escolhemos nos dias felizes da juventude. Quero apenas valer-me da oportunidade para ressaltar uma circunstância, que, nestes dias incertos, dá à existência do advogado e à possibilidade de advogar uma significação diferencial entre

a democracia e os regímens totalitários. Sem democracia não há liber
dade, não há clima para o exercício da defesa dos direitos. Tôdas as
profissões, de um modo geral, podem ser exercidas sem prejuizo, sob
governos arbitrários, menos a nossa. A nossa não admite outras res-
trições que não promanem prévia e expressamente da lei; é da sua es-
sência não sofrer limitações pessoais ou facciosas. Mesmo o juiz po-
de resistir à opressão pelo silêncio. O advogado não se pode calar.
A sua arma é a sua voz ou a sua pena, mas uma e outra não comportam
reservas; falando ou escrevendo o advogado precisa ser livre para di-
zer o que quizer ou o que julgar necessário dizer. E' certo que a
evolução da regra jurídica é incessante; nela se espelham as trans-
formações da ambiência econômica ou da exigência social, mas jamais
as civilizações brilharam ou sucumbiram senão respectivamente pela
esmagamento do direito.

Sois, meus dignos confrades, os continuadores de uma grande
tradição jurídica. Viveis sob um regime de opinião pública e, neste
país, a balança do poder está, em última ratio, colocada nas mãos do
poder judiciário, aquêle que tem a atribuição para decidir sôbre a
constitucionalidade das leis.

Assim Deus ampare a classe dos advogados. Menos a classe
do que o princípio de liberdade em que ela se funda. Enquanto ela
existir, a liberdade terá sobrevivido aos assaltos que a tirania in-
termitentemente lhe desfecha, com a tenacidade rancorosa das fôrças
do mal.

Mas, apesar de tudo, apesar das sombras que se adensam no
horizonte, estou animado de uma grande esperança de paz. E é aqui,
nesta cidade vertiginosa de grandeza e progresso, que aumenta a minha
confiança no futuro da humanidade. Estamos reproduzindo hoje, por
uma forma diferente, o renascimento das cidades livres da Idade Média.
Aquelas eram empórios de comércio. Estas são grandes luzeiros da opi-
nião pública, livre e indomável. Vêde Londres, intrépida e atrevida
em 1940, sem se curvar ao crime dos bombardeios aéreos; vêde Paris,
cinco anos depois, organizando no "black-out" a obra da resistência.
Agora é a vez de Nova York, de onde estão partindo para todos os ca-
minhos do mundo as luzes da esperança democrática, com a garantia da
liberdade para a pessoa humana, da independência para as nações, da
sobrevivência do direito e da justiça. Dessa cruzada, sois vós, advo
gados, os primeiros soldados. Os cavaleiros do direito nunca cessa-
ram de formar a arrojada vanguarda da liberdade.

O DESENVOLVIMENTO DA AMERICA LATINA E O CAPITAL AMERICANO.

Em sua edição dedicada ao Dia do Pan-americanismo, o "Jour
nal of Commerce" desta cidade publicou um interessante artigo de au-
toria do Senhor John Akin - diretor do National Foreign Trade Inc. -
sôbre o desenvolvimento da América Latina e a necessidade de serem
intensificados os investimentos de capital americano.

Segundo o Senhor Akin, dia a dia, os países latino-america
nos vêm aumentando sua produção e assim tudo indica que, em futuro
próximo, atingirão à almejada fase da auto-suficiência industrial, prin
cipalmente em consequência dos programas de mobilização, que, no mo-
mento, estão sendo elaborados pelas Potências Ocidentais.

Na realidade, observa o articulista em aprêço, os confli
tos mundiais muito têm concorrido para a prosperidade de áreas que
possuem materiais estratégicos, como é, por exemplo, o caso da Ameri

ca Latina. Na última guerra mundial, acentúa o Senhor Akin, observou-se êsse fenômeno; mas, por uma série de circunstâncias, o período de prosperidade foi sucedido por uma fase de crises econômicas e desequilíbrio nas finanças de quase todos os países. Além disso, os movimentos de caráter nacionalista e as constantes reações à inversão de capitais privados estrangeiros têm dificultado sobremodo o desenvolvimento e o progresso de certas áreas.

Indiscutìvelmente, assinala ainda o Diretor do National Foreign Trade, os investimentos de capital americano muito concorreram e têm concorrido para o desenvolvimento econômico e industrial da América Latina. O "know-how" técnico e o capital existentes neste país têm sido fatores de suma importância para a melhoria das condições de vida dos países latino-americanos, que, por seu turno, oferecem um magnífico campo para a aplicação de capitais estrangeiros.

Referindo-se às futuras realizações americanas no campo do comércio internacional, declara o Senhor Akin que, por certo, o capital americano será empregado nas áreas onde se puder auferir maiores lucros, ainda que tais lucros obriguem os investidores a passar grandes riscos.

Afirma ainda o Senhor Akin que os investimentos americanos na América Latina poderiam ser bem maiores, caso houvesse um "ambiente favorável" à realização dos mesmos. Explica êle que êsse "ambiente favorável" não significa apenas uma atitude dos Governos locais em favor do capital americano, ainda que êsse capital seja de grande importância para o desenvolvimento e prosperidade dos países vizinhos. O investidor interessa-se também pela estabilidade política e integridade financeira do país, assim como pelos precedentes relativos ao tratamento dispensado pelas autoridades locais às companhias estrangeiras.

Analisando o desenvolvimento das inversões de capital estrangeiro no Brasil, durante os últimos trinta ou quarenta anos, observa o referido economista que até a 1a. Grande Guerra os maiores investimentos foram de origem britânica e que, a partir de 1918, os investimentos de capital americano passaram a predominar, principalmente no campo das obras e serviços públicos e no das indústrias manufatureiras.

Durante a década de 1930-40, salienta o Senhor Akin, os investimentos americanos no Brasil subiram de $200.000.000 para ..... $240.000.000. De 1940 a 1945, no decurso da 2a. Grande Guerra, - continúa o articulista - houve uma paralização no movimento das inversões americanas, as quais, não obstante, atingiram, nestes últimos cinco anos, à cifra impressionante de $400.000.000.

Apreciando a situação da América Latina, o Senhor Akin acentúa que os investimentos privados americanos subiram de 3 bilhões de dólares, em 1945, para 4,8 bilhões em fins de 1949, e provàvelmente chegarão a 5 bilhões no decorrer dêste ano, sendo que a maior parte dêsses investimentos foi destinada à Venezuela, que os aplicou em sua indústria petrolífera.

De um modo geral - escreve com muita objetividade o referido Diretor do National Foreign Trade - os lucros dos investimentos americanos na América Latina foram, quase sempre, bastante satisfatórios, sendo que, não raro, os mesmos investimentos retornaram a êste país sob a forma de pagamentos, por importações de tôda ordem.

E' bem verdade, acrescenta o Senhor Akin, que muitos países latino-americanos se vêm, não raro, na impossibilidade de realizarem transações na base do dólar. Hoje, no entanto, conclui o referi-

do economista, a situação é bem diversa, porquanto a América Latina possui saldos apreciáveis em sua balança com os Estados Unidos, pelo que tudo nos leva a crêr que sejam intensificados os investimentos e as transações com os demais paises dêste continente.

OS ESTADOS UNIDOS E OS MERCADOS DA AMERICA LATINA.

Afirmam inúmeros jornais desta cidade que a América Latina, muito provàvelmente, em futuro próximo, estará em condições de oferecer novos e excelentes mercados aos Estados Unidos.

Com o programa de mobilização que está sendo adotado por êste país e a preocupação armamentista ora reinante, é inevitável,acrescentam diversos órgãos da imprensa americana, que os paises latino-americanos consigam melhorar, consideràvelmente, sua situação no que se refere às reservas de dólar, ainda que muitos dêles venham a repor no mercado americano, com suas importações, grande soma das divisas obtidas no comércio com êste país.

Desde o advento da guerra na Coréia, observam alguns comentaristas, e principalmente depois que os Estados Unidos e algumas potências européias se viram forçados a preocupar-se sèriamente com sua produção de armamentos, é que os paises vizinhos conseguiram melhorar sua posição no comércio internacional, tendo, num período relativamente curto, convertido grandes deficits em superavits ou excedentes bastante apreciáveis.

Analisando a situação econômico-financeira da América Latina, observam alguns jornais que, em 1949, estava ela com um deficit de quase US$408.600.000, na sua balança comercial com os Estados Unidos, talvez em consequência de um "ligeiro movimento de contração econômica" pelo qual foram restringidas as suas exportações.

No primeiro semestre de 1950, no entanto, a referida área chegou a acumular um excedente-dólar de $44.100.000, enquanto que no segundo, houve um superavit de $193.700.000, tendo as exportações latino-americanas para êste país aumentado de 27%.

Nestes últimos dois anos, o movimento comercial entre os Estados Unidos e a América Latina atingiu à cifra de 650 milhões de dólares, cifra essa que abrange o deficit de $408.600.000 - o qual foi naturalmente eliminado - e mais o excedente de $237.800.000, do ano de 1950.

Observam ainda alguns comentaristas que a América Latina, durante a última guerra, acumulou cêrca de 3 bilhões de dólares,e que, não obstante, quando mais necessitou de tal reserva, verificou-se uma depreciação no poder aquisitivo dos mesmos dólares, daí concluirem alguns que, por certo, a América Latina, haverá de mudar sua política financeira, isto é, ao invés de acumular divisas, passará a armazenar mercadorias e reduzir, cada vez mais, os seus contrôles sôbre a importação.

§§§